

Escritas de mulheres africanas e afrodiaspóricas no cenário da literatura contemporânea

A necessidade de ouvir e/ou ler, refletir, discutir e analisar produções literárias daquelas que tiveram as vozes silenciadas por sistemas opressores se faz urgente, sobretudo em um país que tem sua base fincada, ainda, em um sistema colonialista. Apesar de tímida, nos últimos anos é notória a conquista de espaço das mulheres no mercado editorial e, por conseguinte, o aumento bastante significativo do interesse de estudiosas e estudiosos em pesquisar tais obras.

A produção literária de mulheres africanas e afrodiaspóricas tem, a partir do século XX, ganhado espaço num contexto em que a literatura foi e é produzida, principalmente, por homens brancos, cisgêneros e heterossexuais. A visibilidade da escrita dessas mulheres é importante, entre outros fatores, por apresentar uma nova perspectiva social (Young, 2000), permitindo, assim, que elas se autorrepresentem e representem suas semelhantes e, desse modo, rasurem os estereótipos atribuídos a elas na literatura dita hegemônica.

A autoria de mulheres africanas e afrodiaspóricas é, sem dúvidas, uma grande conquista, visto que ao “assenhorar-se da pena” tais autoras, que foram por muito tempo apenas objeto nos textos literários, tornaram-se sujeitos na/da produção literária contemporânea. Com isso, apresentam textos/escrevivências que são, em sua maioria, marcados pela subjetividade e pela memória. Contudo, muitas vezes, sem se centrar necessariamente em si, evidenciam também uma memória coletiva.

Dado o exposto, nós, os organizadores do dossiê **Escritas de mulheres africanas e afrodiaspóricas no cenário da literatura contemporânea**, cientes da necessidade urgente de tais vozes serem ouvidas, temos nos empenhado em prol de promover a leitura, a reflexão, a discussão e a análise de produções de autoria dessas mulheres. Tal esforço se materializa, por exemplo, para além das pesquisas que realizamos, nas proposições de simpósios que têm relação direta com a temática, em eventos como os Congressos Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) e os Congressos da Associação Internacional de Estudos Literários e Culturais Africanos (AFROLIC), dentre outros.

A fim de reunir as discussões que temos realizado nesses eventos e de ampliá-las, convidamos os participantes dos simpósios e pesquisadores em geral que se

dedicam a estudar questões relacionadas às **Escritas de mulheres africanas e afrodiaspóricas** a contribuir com um conjunto de textos que evidenciem a escrita dessa parcela da população. Como resultado temos este dossiê com vinte e nove textos, que incluem autoras dos países africanos de língua portuguesa, como Moçambique, Cabo-Verde, Angola e Guiné-Bissau; de um país africano de língua oficial inglesa, a Nigéria; bem como do Brasil; da França; da Itália; e dos Estados Unidos.

Realizado este preâmbulo, propomo-nos a apresentar brevemente cada um dos capítulos que compõem o dossiê. Os textos iniciais, os oito primeiros, dedicam-se a discutir as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

No primeiro artigo, *A literatura afro-feminina como espaço de libertação: uma leitura político-poética de Niketche*, as autoras refletem sobre aspectos relacionados a enunciação e a libertação da mulher moçambicana, embasando tal discussão na teoria da negritude e da de(s)colonialidade no romance da autora Paulina Chiziane.

No segundo artigo, *A África na obra O canto dos escravizados, de Paulina Chiziane*, temos uma continuação das reflexões sobre a literatura de Chiziane. No artigo em questão é destacada a experiência dos africanos, mais especificamente dos moçambicanos, diante da colonialidade. Além disso, as autoras debatem sobre a ressignificação dos papéis impostos aos africanos, por meio de estratégias poéticas para explorar resistência e (re)existência.

Desconstrução de estereótipos e representação de mulheres negras na obra de Ondina Ferreira: uma análise da autorrepresentação e do papel da literatura na visibilidade de vozes silenciadas é o título atribuído ao terceiro artigo. Os autores trazem uma discussão acerca da autoria feminina e as vozes femininas na narrativa em analisada. A leitura analítica foi realizada tendo como pressuposto teórico a crítica feminista e a genocrítica.

No quarto artigo, *A construção da identidade da mulher/mãe no conto “mãe não é mulher” de Dina Salústio: uma perspectiva dos estudos culturais*, temos um estudo que se ocupa em refletir sobre um conto da cabo-verdiana Dina Salústio, abordando questões relacionadas ao gênero, a raça e a classe, sob o viés dos estudos culturais. Dentre os pontos que são abordados ao longo do texto evidenciamos: a homogeneização de identidade e, além disso, o silenciamento das subjetividades

marginalizadas. A dicotomia entre os papéis de mulher e mãe é outro ponto que chama a atenção no texto.

O quinto artigo também traz uma reflexão sobre a produção de Salústio, em *A representação feminina em Forçadamente mulher, forçosamente mãe (1994)*, de Dina Salústio. Contudo, antes de tratar propriamente da produção literária da autora em questão, os autores discutem sobre o desenvolvimento de a literatura de Cabo Verde. A posteriori, eles ressaltam a relevância de Dina Salústio neste contexto e dão enfoque à representação feminina em seus contos, em especial, naquele proposto para ser debatido no texto.

“*E por que é que elas não podem brincar?*” a crônica de Ana Paula Tavares e o direito de contar a própria história é o sexto artigo que compõe o dossiê. Temos um texto discute sobre a escrita de uma autora angolana. O artigo analisa, a partir de uma crônica de Ana Paula Tavares, como é representada a violência da colonização e a cultura e a identidade angolana. Para sustentar as reflexões propostas, a autora utilizou como aporte teórico as teorias decoloniais e o modernismo de Walter Mignolo (2016).

O artigo seguinte, o sétimo, cujo título é *Corpos, frutos e prazeres: o erotismo em Rito de passagens*, também discute a produção de Paula Tavares. Contudo, centra-se nas articulações entre a poesia e o erotismo, relacionando tal temática as mulheres angolanas, observando como a autora incorpora em sua poesia elementos corporais e sexuais femininos, bem como outros elementos relacionados à subjetividade das mulheres.

No oitavo artigo, *A literatura oralizada de Odete Semedo Na passada “os dois amigos”*, temos reflexões sobre a escrita de uma autora de Guiné-Bissau. O artigo procura investigar a presença da tradição oral e sua relevância na transmissão da memória coletiva.

Em *A escrita de autoria feminina na literatura nigeriana: deslocamento e pertencimento em Americanah de Chimamanda Ngozi Adichie*, nono artigo do dossiê, temos um texto sobre a produção literária de uma autora nigeriana, cuja finalidade foi, a partir do romance *Americanah*, debater o lugar conferido à mulher na Nigéria e na diáspora – nomeadamente Estados Unidos e Inglaterra.

O décimo artigo também analisa um romance de uma escritora nigeriana, Ayòbámi Adébáyò. Seu título é: *Os desafios de ser mulher no romance Fique comigo*,

de Ayòbámi Adébáyò: uma leitura pós-colonial da Nigéria. No texto em questão os autores analisam as representações das mulheres no romance *Fique comigo*, ressaltando o conflito de gerações em um contexto em que o destino das mulheres são traçados pela imposição do matrimônio e da maternidade, segundo a tradição nigeriana. Dentre os temas que o texto aborda e que merecem certo destaque, vale ressaltar o feminismo/mulherismo, o gênero e o maternismo na cultura africana.

No artigo seguinte, o décimo primeiro, temos um estudo comparativo entre uma autora afro-brasileira, Conceição Evaristo, e uma cabo-verdiana, Dina Salústio, que recebeu o título de *Narrativas de resistência: autoria feminina negra de Conceição Evaristo e Dina Salústio na literatura contemporânea*. Neste texto as autoras comparam contos de *Olhos d'água* (2020), de Conceição Evaristo, e *Mornas eram as noites* (2002), de Dina Salústio, e concluem que a literatura das autoras pode ser lida como uma forma de resistência às narrativas eurocêntricas e patriarcais.

Do décimo segundo artigo até o vigésimo segundo entra em cena a literatura afro-brasileira. No décimo segundo artigo, *Literatura nacional e transformação social: a influência de autoras afro-brasileiras*, os autores se propõem a refletir sobre autoras negras brasileiras, dentre elas Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo, apontando que a escrita dessas mulheres rompe com os estereótipos e, por conseguinte, reconfiguram as identidades das mulheres negras. Desse modo, elas compreendem que os textos das autoras mencionadas podem ser tidos como ferramentas transformadoras, ao passo que resgatam heranças ancestrais e empenham-se na construção de identidades pautadas nessa herança.

Em *Autoria insubmissa de Conceição Evaristo: considerações sobre o enfrentamento à violência por meio da escrevivência*, décimo terceiro artigo do dossiê, a autora discute as violências sofridas pelas mulheres negras a partir da escrevivência, conceito elaborado pela autora afro-brasileira, entendendo que a escrevivência é, na realidade, uma experiência de enfrentamento às opressões sofridas/vividas.

O décimo quarto artigo também se dedica a pensar as escrevivências evaristianas. No artigo *Gênero, descolonização e raça em Olhos d'água*, de Conceição Evaristo os autores olham para a antologia de contos *Olhos d'água* como um todo. Contudo, centram-se em alguns contos, por compreenderem que eles exemplificam

de forma mais contundente como a autora desconstrói as representações da mulher negra marcadas por estereótipos na sociedade brasileira.

No artigo subsequente, o décimo quinto, temos mais um texto que discute a produção literária de Conceição Evaristo. Ele é intitulado de *A construção da personagem negra Fio Jasmim no romance Canção para ninar menino grande, de Conceição Evaristo*. O objetivo das autoras foi investigar acerca da construção da masculinidade negra no contexto brasileiro com foco na personagem Fio Jasmim, observando os estereótipos atribuídos aos homens racializados e a posição social ocupada por eles.

Em *Lírica e resistências em Conceição Evaristo*, o décimo sexto artigo do dossiê, temos mais um texto que aborda acerca da produção poética de Conceição Evaristo. Nele o autor analisa dois poemas – *Vozes-Mulheres* e *A noite não adormece nos olhos das mulheres* – evidenciando a reescrita, por meio da literatura, da história afro-brasileira e da identidade feminina negra, apontando como Evaristo instaura, em sua escrita, uma retórica de resistência.

No décimo sétimo artigo, *As meninas negras e a “pipa-borboleta”: colonização e colonialidade*, a autora traz para o centro do debate as representações da violência sexual praticada contra as meninas negras no romance *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves; no romance *Becos da Memória* e no poema *A menina e pipa-borboleta*, ambos de Conceição Evaristo. A pesquisadora, ao analisar os textos literários, pontua que eles evidenciam a objetificação de tais corpos e, ao mesmo tempo, a resistência perante os legados coloniais.

Em *As mulheres negras e o amor: considerações sobre o amor em Solitária e Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, o décimo oitavo artigo, o autor teve como objetivo refletir acerca da literatura afro-feminina, a fim de evidenciar o amor romântico como uma possibilidade às mulheres negras. O autor, a partir da análise da literatura produzida por mulheres negras, demonstra que as narrativas das escritoras afro-brasileiras caminham na contramão da literatura dita hegemônica, que de forma regular, são retratadas como indignas de serem amadas.

No décimo nono artigo, *A escrita de mulheres afrodiáspóricas como um anúncio de aquilombamento: Solitária*, de Eliana Alves Cruz, as autoras se propõem a dialogar acerca do quarto da empregada, espaço tomado por elas como metonímia da persistência da colonialidade e do pensamento escravocrata no contexto brasileiro.

Elas compreendem, no contexto de debate, a literatura como um meio de propiciar reflexões sobre as opressões históricas, sobretudo, aquelas praticadas contra as mulheres afro-diaspóricas/afro-brasileiras.

Em *Ancestralidade em Negrada* (1995), de Maria Helena Vargas da Silveira (1940-2009): *uma inscrição negrofeminina gaúcha*, o vigésimo artigo que compõe o dossiê, o autor no texto que se apresenta busca compreender, sob este viés a obra *Negrada* (1995), da gaúcha Maria Helena Vargas da Silveira (1940-2009), os mecanismos de silenciamento das autoras negras no Rio Grande do Sul. Em tal reflexão, o autor aborda a ancestralidade e, além disso, conceitos importantes para a literatura de autoria feminina negra, dentre eles a escrevivência, a dororidade e a literatura afro-feminina.

No vigésimo primeiro artigo, *A poética das flores em pequenos grandes lábios negros de Ana dos Santos*, as autoras do texto realizam uma leitura analítica da poesia de Ana dos Santos, destacando elementos presentes, tais como o cotidiano das mulheres negra, a solidão, o patriarcado e o racismo.

Em “*A pretinha e o pretinho*”, *uma possível análise a partir da perspectiva do estereótipo de gênero e raça*, vigésimo segundo artigo, as pesquisadoras analisam um conto de Tais Espírito Santo, “*A pretinha e o pretinho*”, atentando-se aos aspectos relacionados, principalmente, a dois marcadores da diferença – gênero e raça. Marcadores esses que, muitas vezes, são assinalados por meio de estereótipos. As autoras defendem ao longo do artigo que a cultura do estereótipo é um elemento propulsor de violências reais.

No vigésimo terceiro artigo reflete sobre a escrita de uma escritora negra guadalupense, francófona, cujo título é: “*Por falar em crioulo, ela a havia forçado ao silêncio*”: *a colonização da linguagem em O coração que chora e que ri* (2022), de Maryse Condé. No texto em questão, os pesquisadores analisam um romance de formação/autobiografia escrito por Maryse Condé, *O coração que chora e que ri*, destacando a valorização da cultura e da língua francesa em detrimento a crioula evidenciando, portanto, a colonialidade da linguagem, dentre outros elementos.

No vigésimo quarto artigo, *A sexualização da mulher negra na sociedade italiana a partir do romance Adua*, da escritora ítalo-somali Igiaba Scego: *estereótipos de gênero e raça*, os estudiosos debatem, a partir da obra citada, a naturalização dos

estereótipos de gênero e raça atribuídos às mulheres negras, afro-italianas e africanas na sociedade italiana.

Em *Perspectivas afrocentradas e diálogos amefricanos em Mayra Santos-Febres e Yuliana Ortiz Ruano*, vigésimo quinto artigo, a autora constrói um estudo comparativo entre duas escritoras negras, sendo uma delas porto-riquenha, Mayra Santos-Febres, e a outra equatoriana, Yuliana Ortiz Ruano, tendo como suporte teórico a concepção de Amefricanidade, de Lélia Gonzalez. Além disso, a pesquisadora destaca em sua análise o resgate de saberes afro-ameríndios e a crítica ao paradigma colonial racista, e explora a experiência afrodiaspórica e as identidades afro-latino-americanas.

No vigésimo sexto artigo, *As imbricações que coexistem em meu corpo: a trajetória artística e política da poetisa Safia Elhillo como símbolo de resistência à colonialidade*, temos a poética de uma sudanesa-americana colocada em debate. Os autores apresentam uma análise que compreende a produção a escrita literária de Safia Elhillo empenhada em resistir às opressões coloniais e à colonialidade. Através de uma perspectiva interseccional, a poeta utiliza seus versos para questionar as identidades prescritas pela colonialidade e colocar em evidência as violências coloniais.

Memória, identidade e irmandade de mulheres negras: Adentrando um outro brooklyn, de Jacqueline Woodson, o vigésimo sétimo artigo, traz escrita de uma das mais premiadas autoras norte-americanas da atualidade. A pesquisadora nos apresenta um texto que evidencia a importância da obra analisada para a promoção de representações autênticas da experiência de mulheres negras, portanto, rompendo e, ao mesmo tempo, desafiando os estereótipos racistas presentes na literatura dita hegemônica.

O vigésimo oitavo artigo, *“Perder a mãe” de Saidiya Hartman: a autobiografia e o testemunho de uma sobrevivente da escravidão*, discute um romance de uma escritora afro-estadunidense. No artigo em questão, o autor se ocupa em refletir acerca da articulação entre a memória individual e a coletiva, evidenciando a conexão entre a narrativa autobiográfica e a história de seus ancestrais que foram escravizados. Dado esse movimento, o autor reconhece que a autora traz para narrativa algumas questões, dentre elas: a identidade, a memória e a injustiça,

demonstrando que a autobiografia atua como testemunho crítico das consequências da escravização e, por conseguinte, na luta em prol da liberdade.

No último artigo que compõe o dossiê, o vigésimo nono, cujo título é *Intelectualidade negra: a relação entre conhecimento e feminismo na busca de uma postura epistemológica descolonizante e transformadora*, a autora traz uma reflexão acerca dos efeitos da colonização sobre o conhecimento e a importância do feminismo negro no combate ao apagamento da contribuição de intelectuais negras, trazendo à baila alguns temas que são caros à reflexão proposta, dentre eles as desigualdades estruturais e os lugares ocupados pelas mulheres na construção dos saberes.

Reunir esses textos um tanto diversos é, sem dúvidas, de uma importância inestimável, posto que traz para o centro àquelas que, em virtude dos marcadores sociais da diferença, dentre eles o gênero, a raça, a classe etc., foram (im)postas à margem, silenciadas e/ou “esquecidas” pelos sistemas que organizam a sociedade.

Esperamos que tais textos, voltados para a leitura crítica e análises de obras *escritas por mulheres africanas e afrodiaspóricas no cenário da literatura contemporânea*, possam contribuir para instigar novos olhares, novas leituras e novas pesquisas na área. Por fim, os organizadores desejamos a todas e todos uma excelente leitura.

Celiomar Porfírio Ramos
Marinei Almeida
Rosineia da Silva Ferreira
Rodolfo Moraes Farias

Organizadores da edição temática da Revista Re-UNIR